

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da Democracia: Instituições e Informação em tempo de mudança”.

De 24 a 28 de setembro de 2018.

GT3: Relações Raciais e Étnicas na América Latina

**Título: O discurso sobre as línguas e culturas ameríndias e africanas no Museu da Língua Portuguesa**

Nome: Wilmhara Benevides da Silva Alves dos Santos<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

**Resumo**

O Museu da Língua Portuguesa (MLP) foi inaugurado em 20 de março de 2006 como uma política de patrimônio imaterial. Esta política é responsável pela salvaguarda das práticas culturais e linguísticas, em especial, de matrizes indígenas e afro-brasileiras. Diante desta posição realizamos uma análise de discurso de três instalações do MLP: *Grande Galeria*, *Palavras Cruzadas* e *Linha do Tempo*. Por meio desta análise buscamos evidenciar as práticas de visibilidade e silenciamento deste museu, ao tratar a narrativa da língua portuguesa no Brasil a partir da relação com as línguas dos povos colonizados, em especial, as línguas africanas e ameríndias. A importância da língua portuguesa como um bem museológico passa em reconhecer as especificidades culturais e linguísticas dos povos que estiveram em contato com esta língua. A ausência desta posição discursiva dificulta problematizar as fronteiras sobre o que somos como brasileiros falantes da língua portuguesa.

**Palavra chave:** museu da língua portuguesa, discurso, patrimônio imaterial, epistemicídio.

---

<sup>1</sup> Estive como educadora do acervo do Museu da Língua Portuguesa durante dez anos, entre 2006 até março de 2016. Sou graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília (1999-2002), realizei o mestrado em antropologia na mesma faculdade (2003-2006). Atualmente desenvolvo pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na PUC-SP. E-mail: macrikabel@gmail.com.br

Este artigo compõe parte da pesquisa que atualmente desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP sobre o discurso do Museu da Língua Portuguesa (MLP), isto é, quais posicionamentos foram colocados como centrais pela repetição, deixando outros marginalizados.

A pesquisa teve início quando era educadora deste museu. A elaboração de visitas temáticas; proposição de jogos educativos; organização de cursos para professores; preparação de educadores para exposição itinerante *Estação da Nossa Língua* na cidade de Registro e Sorocaba e o desenvolvimento de projetos com o objetivo de aproximar grupos em vulnerabilidade social do espaço expositivo do MLP foram as principais motivações para esta análise, e possibilitou escolhermos três instalações de destaque no segundo andar do MLP: *Grande Galeria*, *Palavras Cruzadas* e *Linha do Tempo*.

Por meio dessas instalações o discurso de caracterização da língua portuguesa como tema museológico, envolveu posicionamentos discursivos sobre as línguas em contato com a língua portuguesa, em especial, a dos povos indígenas (Tupinambás) e africanos (família linguística Bantu e Kwa), bem como, a forma de significar estas relações.

Para apresentar a nossa análise, iniciamos pela *Grande Galeria*, tela de 106 metros dividida em três partes. Em cada parte eram exibidos quatro vídeos temáticos que se revezavam durante o dia. Na primeira parte os temas eram: Festas, Carnavais, Relações Humanas e Músicas. Na segunda parte: Natureza e Cultura, Religiões e Raiz Lusa. E na terceira parte os temas eram: Culinária, Futebol, Danças e Cotidiano.

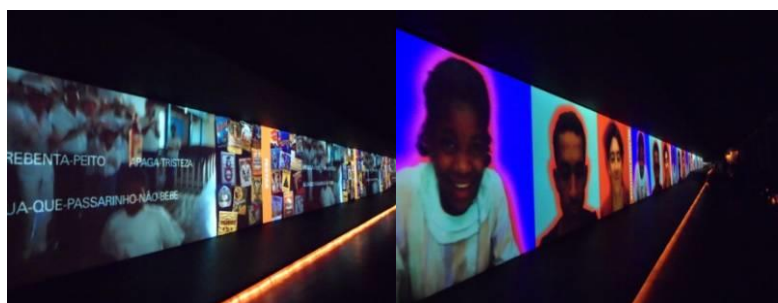


Foto da *Grande Galeria* no segundo andar do MLP

Cada vídeo, com duração de seis minutos, foi composto por recortes retirados de diferentes produções audiovisuais da Fundação Roberto Marinho; TV Cultura;

Videocabinas do projeto Parabolic People<sup>2</sup> e filmes como *Língua Além-Mar*, entre outros. Os visitantes geralmente escolhiam ver um desses vídeos reconhecendo imagens retiradas de trechos de novelas, filmes e clips.

Na segunda parte, localizada no centro do segundo andar do Museu, o vídeo Raiz Lusa era o único que repetia uma vez a mais, na sequência e rotatividade dos demais. Nele ouvíamos o seguinte discurso:

Quando o português chega ao Brasil, já leva uma longa experiência de se misturar, inclusive na cama, com outras raças, e outras religiões, e outras línguas. Talvez por ter convivido 500 anos com os árabes. E depois ter estado a ocupar praticamente todo o contorno da África, o português não tinha muita resistência a mistura com outras nações e outras raças e talvez não tivesse muito pelo o que escolher. (Vídeo Raiz Lusa exibido na segunda parte da Grande Galeria do MLP)

A posição destacada acima atualiza o discurso luso-tropicalista que foi divulgado na década de 30 e 40 nas obras de Gilberto Freyre como: *Casa Grande & Senzala* (1933), *O mundo que o Português criou* (1940), *Integração portuguesa nos trópicos* (1959), *O luso e o trópico* (1961). O luso-tropicalismo refere-se à maleabilidade dos povos portugueses na relação com outros povos pela capacidade inata de adaptação ao clima.

Entre 1932-1968, Antônio de Oliveira Salazar, ao assumir o governo português com práticas autoritárias, utilizou o luso-tropicalismo com o objetivo de reforçar a assimilação entre os povos colonizados e com isso manter a intervenção portuguesa nos países africanos (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde), na Índia (Goa, Damão, Diu), Timor Leste e Macau. Essa prática contrariava o princípio de autodeterminação dos povos colonizados consagrado pela ONU em 1945 e a Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1948.

Vemos certa aproximação do discurso luso-tropicalista no projeto do MLP, em especial, ao caracterizar a língua portuguesa falada no Brasil como resultado da miscigenação racial. Citamos um trecho do projeto abaixo:

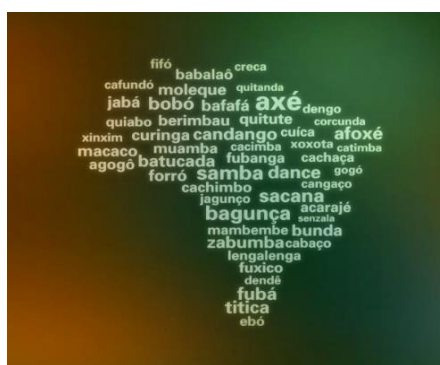
O idioma falado no Brasil é tão misturado quanto a cor da pele das pessoas e a cultura do país. Assim, ele também está marcado pelos encontros e desencontros de povos e signos, por convergências e

---

<sup>2</sup> Este projeto é da cineasta Sandra Kogut, especialista em vídeo arte e documentários. Ela convidou transeuntes de diferentes cidades do mundo para utilizar uma cabine por 30 segundos equipada com uma câmera. O objetivo era falar sobre a conexão entre as pessoas.

conflitos, por contradições e desigualdades. No Brasil, a língua, como as raças, amalgamou-se, dando unidade ao país. (BARRETO, 2005, p.2).

Nos vídeos da Grande Galeria do MLP, a relação entre palavras e experiências culturais era apresentada como resultados de uma mistura racial e linguística. Não se mencionava nenhuma perspectiva de conflito sobre as relações entre línguas e culturas diferentes, mas de assimilação de palavras que compuseram a história da língua portuguesa no território brasileiro.



Registro fotográfico de um trecho do vídeo Festas exibido na *Grande Galeria*

Abaixo apresentamos a transcrição de um trecho do vídeo Festas exibido na *Grande Galeria*:

“A receita da língua portuguesa sempre misturou frutos da terra e ingredientes de fora. Primeiro eles vieram de Portugal e da África, depois, vieram de quase todos os outros lugares”.

A ideia de realizar uma receita da língua portuguesa, segundo a transcrição do áudio, coloca o povo português na ação de misturar-se com outros povos; assim como são misturados ingredientes para obter um produto final. A palavra mistura apresentada em outros vídeos do MLP, também diz sobre o ato de incorporar palavras de outras línguas à estrutura da língua portuguesa. A perspectiva de assimilação, descontextualiza o significado destas palavras na sua língua de origem, bem como as condições históricas que possibilitaram a sua inclusão na língua portuguesa.

Soma-se a esta percepção o impacto que a cenografia despertava no olhar dos visitantes nacional e estrangeiro. A tecnologia digital parecia disputar a atenção em relação ao próprio discurso do museu.

Entre a *Grande Galeria* e a *Linha do Tempo*, no centro do segundo andar, encontrávamos a instalação *Palavras Cruzadas*.



Foto da instalação *Palavras Cruzadas* no centro do segundo andar do MLP

Ela era organizada em oito totens, também chamado de lanternas laranja. Cada lanterna era composta por um monitor dedicado às influências das palavras que contribuíram para formar o vocabulário da língua portuguesa no Brasil. Havia duas lanternas dedicadas às línguas indígenas (uma para o Tupinambá e a outra para Línguas Indígenas de hoje), duas lanternas para as línguas africanas (uma para Quicongo, Quimbundo e Umbundo do grupo linguístico Banto e outra para Iorubá, Ewe e Fon do grupo linguístico Kwa) e uma lanterna para Espanhol. As três últimas lanternas reuniam palavras oriundas de diferentes línguas, havia uma única lanterna para Inglês e Francês, uma dedicada às línguas dos imigrantes (Chinês, Árabe, Italiano, Alemão, Japonês e Hebraico) e a última mostrava vídeos e textos sobre a língua portuguesa nos países em que ela é língua oficial ou língua de base para a formação das línguas crioulas.

Nesta instalação visualizávamos as adaptações morfológicas e fonéticas das palavras oriundas destes povos à estrutura da língua portuguesa, bem como a mudança de significado de cada palavra devido ao novo contexto de uso. As palavras ao migrarem de uma língua para a outra sofrem adaptações, principalmente de sentido diante do novo contexto cultural de uso, por isso ao clicar sobre a palavra, visualizávamos o seu significado e ouvíamos o fonema da palavra falada na língua portuguesa do Brasil, na sequência, o seu significado e fonema na língua de origem.



Foto da Instalação *Palavras Cruzadas* no centro do segundo andar do museu

Após dez anos de experiência educativa neste museu, guardo a memória da reação dos visitantes nessa instalação. Grande parte do público surpreendia-se em descobrir a quantidade de palavras africanas que falamos em português, entretanto, a mudança de significado destas palavras gerava um impacto maior. Por exemplo, a palavra *beleléu*, encontrada na expressão da gíria paulista “ir para o beleléu”, nomeava um local que compreendemos no Brasil por cemitério, e a palavra *samba* significava um ato de oração. O contexto de uso de algumas palavras era apresentado apenas na explanação do educador do museu, por exemplo, *banguela* se referia na origem, ao nome de uma etnia africana conhecida como *benguela* e a palavra *ginga* referia-se ao nome de uma rainha de Matamba (região Banto). Estas palavras estavam nos monitores, mas não acompanhavam esta descrição. Cabia aos educadores interessados na história das palavras africanas realizar estes comentários.

Sobre as palavras de origem Tupinambá, é válido lembrar que dez mil vocábulos da família do tupi-guarani entraram na língua portuguesa falada no Brasil. Essas palavras transformaram-se em substantivo próprio indicativo de lugares, pessoas, além de nomes de vegetais e animais; assim como eram utilizados pelos Tupinambás. Entretanto, no totem Tupinambá, visualizávamos apenas a adaptação morfológica e fonética das palavras que entraram na língua portuguesa.

A instalação *Palavras Cruzadas*, não favorecia compreender a lógica das línguas africanas e ameríndias no contato com a língua portuguesa, isto é, como marcavam uma forma de perceber o mundo diferente da língua portuguesa. O uso de palavras portuguesas, africanas e indígenas pressupõe um conflito semântico e cultural na relação entre estes povos, a qual é silenciada no MLP.

Era comum que no primeiro momento, ao clicarem sobre a palavra em português, que reforçassem a confirmação afetiva à língua portuguesa, em virtude

do reconhecimento imediato do significado e fonema que utilizamos em português. No segundo momento, o estranhamento e conseqüentemente distanciamento em relação ao significado e fonema da mesma palavra, vista na sua língua de origem. Esta dinâmica favorecia ver nas matrizes linguísticas africanas e indígenas uma herança distante na história da língua portuguesa no Brasil, apagada pelos novos usos e sentidos que estas palavras ganharam. Também isentava os sotaques regionais de cada palavra falada em português no Brasil.

Na parede da frente da *Grande Galeria* tínhamos a *Linha do Tempo*. Ela, inicialmente, era dividida horizontalmente em três partes; a primeira dedicada a aspectos culturais dos povos indígenas; a segunda à formação do povo português e da língua portuguesa; a terceira parte referia-se à aspectos da cultura africana.



Foto da *linha do tempo* do MLP

A partir de 1500, a cronologia priorizou fatos da História do Brasil em cinco partes, divididas verticalmente. Estas divisões acompanham um tablado na horizontal com informações selecionadas para cada período histórico. A história das línguas ameríndias e africanas era citada apenas no período colonial brasileiro.



Foto da *linha do tempo* do MLP

Podemos dizer que a expografia do segundo andar do MLP recepcionava o público com a cultura da oralidade por meio dos diferentes vídeos da *Grande Galeria*. Em paralelo a esta instalação, como representação da cultura da escrita,

havia a Linha do Tempo com documentos e fatos históricos como se registrassem a história que acompanha os processos da cultura oral, visualizado na parede paralela.

Entre os textos escritos da *Linha do Tempo* e os falados na *Grande Galeria*, no centro do segundo andar, a instalação *Palavras Cruzadas* permitia que ouvíssemos e visualizássemos as palavras em português, bem como a possível origem de sua grafia, a escrita de palavras oriundas da cultura ágrafa.

O MLP, ao enfatizar o aspecto sensorial da expografia, colocava o público num movimento de ser atingido por palavras em seus sotaques regionais, nos ritmos que não obedecem à norma escrita. Entretanto, a escrita e a fala são códigos diferentes que foram colocados um na frente do outro, tendo como centro a origem das palavras de culturas ágrafas.

Para iniciar a visita pelo acervo não existia um único percurso, não havia uma proposta de começo, meio e fim. O começo da linha do tempo, por exemplo, estava na contramão de quem chegava no espaço expositivo. O que importava neste caso, não era a direção, mas o sentimento que o espaço gerava.

O museu só fazia sentido no seu conjunto, ao provocar encantamento nas narrativas fragmentadas; a ligação era emotiva, visual e sonora. Partindo da relação emotiva com a língua portuguesa à imagens em movimento; os visitantes ficavam na expectativa de um espetáculo, ao mesmo tempo que sua participação era esperada no toque dos monitores.

O MLP mobiliza recursos multimidiáticos para falar da língua a partir dos falantes da mesma. Várias vozes e rostos de diferentes lugares do Brasil, de diferentes classes sociais e de faixas etárias distintas eram exibidos, já que preservar uma língua é vê-la em uso. A linguagem na primeira pessoa e as informações selecionadas, favorecia interpelar o público nas posições expostas, a ponto de assumirem o discurso apresentado.

O recurso audiovisual e a presença de programas educativos nos museus refletem a adaptação destes espaços em atrair um grande número de visitantes, uma bandeira levantada no final do século XX a fim de democratizar e promover a acessibilidade dos museus. Esta nova configuração museológica também nos coloca a ocupar um lugar nesta rede discursiva que circulam seus enunciados.

O Museu da Língua Portuguesa (MLP) foi inaugurado na parte superior do prédio da Estação da Luz em 2006. Houve diferentes projetos com o objetivo de



ocupar este espaço. O escolhido foi o projeto *Estação Luz da Nossa Língua*, porém na sua inauguração, um novo nome foi apresentado, Museu da Língua Portuguesa, o primeiro museu inaugurado pela Fundação Roberto Marinho (FRM).

A museóloga Cristina Bruno e o Secretário da Cultura do Estado de São Paulo, e o museólogo, Marcelo Mattos Araújo acompanharam em 2006 este enquadramento institucional. Não encontramos o motivo da mudança do projeto inicial. Em 2014, na primeira página do site deste museu, deparamos com um posicionamento que dialoga com a política do patrimônio imaterial. Apresentamos abaixo<sup>3</sup>:

**M**uito mais que aplicar as tecnologias ao espaço expositivo por puro deleite de modernidade, o Museu da Língua Portuguesa adota tal museografia a partir de um dado muito simples: seu acervo, nosso idioma, é um "patrimônio imaterial", logo não pode ser guardado em uma redoma de vidro e, assim, exposto ao público.

A preservação do patrimônio imaterial é um tema extremamente importante e complexo, e que, só recentemente, começou a ser discutido no mundo. Hoje, o Brasil já dispõe de legislação específica, que permite o registro de tal patrimônio, reconhecidamente importante para a manutenção e valorização da nossa identidade cultural.

(Texto retirado da primeira página do *site* do MLP em 2014)

A política de patrimônio incluiu a categoria imaterial na Constituição Federal de 1988, no artigo 216. De acordo com o presente artigo define-se como

[...] patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; (BRASIL, 1988, p.134).

Hugo Barreto, secretário geral da Fundação Roberto Marinho e responsável pela concepção do MLP, não o define como um museu histórico, etnológico,

---

<sup>3</sup> Particularmente, nos vídeos da instalação da *Grande Galeria* víamos as práticas e saberes culturais que foram salvaguardados pela política federal de Patrimônio Imaterial, por exemplo: o Ofício da Capoeira, dança Tambor de Crioula, Matrizes do Samba como Partido Alto, etc.

antropológico; segundo algumas das tipologias conhecidas nos estudos museológicos, mas como um “museu experiência”.<sup>4</sup>

Essa tipologia insere uma nova relação com o processo de musealização, por exemplo, não há como preservar uma língua. O setor de preservação (seleção, aquisição, gestão e conservação do acervo) deixa de existir no espaço do museu. A ausência de um acervo ou coleções fez com que o núcleo de pesquisa (curadoria e catalogação) e comunicação (exposição, publicações) ganhasse formatos pouco visíveis nas dependências desta instituição, não havendo também uma reserva técnica.

No lugar do acervo há um conjunto das instalações expositivas de base digital; a presença de objetos materiais é compreendida como cenográfica. A dimensão intangível, variável, capaz de modificar-se com o tema exposto no museu impossibilita falar de uma coleção que possa ser preservada, entretanto, os museus imateriais/intangíveis continuam se autodenominando museus. Neste caso, a sua preocupação não é com uma coleção a ser preservada ou organizada por meio dos recursos digitais, mas provocar uma educação emocional, por meio de um espaço que alia uma perspectiva de educação e lazer.

Podemos dizer que tanto nos espaços em que se localizam como em suas coleções, os museus continuam consagrando valores e ideias. Para o visitante, o que é exposto num museu é a posição legítima, não é comum questionar o ponto de vista de uma exposição, principalmente quando o tema museológico, é a língua que se fala e estuda nos espaços de educação formal.

Os museus brasileiros tiveram importante papel na rede de produção discursiva sobre o imaginário da nação brasileira, colaborando com as regras sobre o que poderia ser dito. Até meados do século XX, a equiparação entre povo, raça e nação, favoreceu dar tônica ao discurso da mestiçagem no lugar de ressaltar as especificidades étnicas. Reconhecer as especificidades culturais, dos povos que conviveram no território brasileiro, poderia romper com o discurso assimilacionista construído por diferentes instituições; inclusive nas narrativas dos museus do século XIX.

---

<sup>4</sup> Hugo Barreto foi responsável pela criação do Telecurso 2º grau, Canal Futura, Museu da Língua Portuguesa (2006), Museu do Futebol (2008), Museu da Arte do Rio (2013) e Museu do Amanhã (2015). Durante 2004-2007 foi presidente do Conselho do Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) que representam o investimento do terceiro setor na caracterização das políticas públicas.

A mudança de paradigma veio com o fim da Segunda Guerra Mundial e que acompanha na sequência a descolonização dos países da África e Ásia; a luta de direitos civis nos EUA. Os diferentes movimentos políticos que eclodiram a partir da década de 70, favoreceram questionar os espaços de representação política, assim como a crítica ao modelo europeu de alta cultura europeia, diante de outros saberes e práticas culturais até então desprestigiadas.

No Brasil, houve uma forte mobilização da sociedade folclorista, do movimento feminista; do movimento negro; de defesa dos direitos indígenas e descendentes de imigrantes cuja história não era considerada nas políticas de patrimônio cultural brasileiro. Simultaneamente, ocorrem movimentos semelhantes em outros países. Assim como a defesa de um novo papel dos museus fomentada com seminários promovidos pela UNESCO no Rio de Janeiro (1958); em Jos na Nigéria (1964) e em Nova Déli (1966).

A descolonização dos países africanos acompanhou movimentos artísticos, políticos e filosóficos como o Pan-africanismo e a Négritude. Referências que se destacaram neste contexto foram, o poeta e intelectual senegalês Leopold Sedar Senghor (1906-2001) e o poeta da Martinica Aimé Césaire (1913-2008) que inspiraram outros intelectuais na valorização da produção artística e intelectual da *Diáspora Africana* na crítica aos eixos tradicionais da arte ocidental.

De acordo com Hall (2006), os movimentos identitários fomentaram um *modernismo nas ruas* dado pela valorização de outras narrativas, as quais impunham certos deslocamentos das antigas hierarquias, pautadas nas narrativas oficiais. As novas políticas culturais voltadas para as diferenças sexuais, raciais, culturais e étnicas, ganharam visibilidade em diferentes países.

Em meio a novas formas de pensar a função dos museus na sociedade, destacam-se os debates que inserem práticas de repatriação de objetos culturais dos povos que foram colonizados e que hoje tem suas peças em museus estrangeiros; assim como há novos museus com a perspectiva de valorizar as culturas locais, os chamados museus comunitários e imateriais.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>De acordo com VARINE-BOHAN (2008), Musée National Boubou Hama ou Museu Nacional do Niamey no Níger foi construído com a independência deste país em 1960, com o objetivo de proteger seu patrimônio local contra os vandalismos e tráficos de objetos. O Museu da Anacostia Community Museum, em Washington DC (Estados Unidos) nasceu com reivindicações políticas da população afro-americana. A relação de desenvolvimento sustentável e patrimônio cultural possibilitou na Conferência da Terra realizada em Estocolmo em 1972, na Suécia, potencializar o surgimento de ecomuseus.

Podemos dizer que os “novos museus” trouxeram temas que exaltam as especificidades da cultura brasileira, o que inclui discursos sobre a presença das heranças indígenas e africanas.

O contexto que segue o início do século XXI acompanha a valorização dos saberes de referência às culturas ameríndias e afro-brasileiras. A lei 10.639-03 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e a lei 11.645 refere-se ao ensino da história e cultura ameríndia nas redes de ensino. O uso da palavra raça como instrumento político passou a ser utilizada para o enfrentamento das desigualdades sociais entre brancos e negros, por meio da política de ações afirmativas nas universidades brasileiras. O *Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (INDL), decreto federal 7.387 de dezembro de 2010 possibilitou oficializar línguas que representassem diferentes etnias que compõem a sociedade brasileira, para que possam ter acesso aos serviços públicos na sua língua de referência. Em 2012 foi instituído pelo Ministério da Cultura, o Prêmio Funarte de Arte Negra, que objetivou proporcionar condições e meios de produção artística, conforme Plano Nacional de Cultura – Lei 12.343/2010 e pelo Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010.

Estes são alguns exemplos que possibilitaram o enfrentamento às práticas de epistemicídio, isto é, o apagamento dos saberes africanos, ameríndios, afro-brasileiros e afro-ameríndios na história brasileira. Uma das práticas da colonização europeia foi recusar a produção de conhecimento destes povos, os resquícios destas práticas estão no silenciamento das histórias que são contadas sobre o signo da mestiçagem, elas envolveram repulsão e inclusão simultânea de populações não brancas, consideradas bárbaras e inferiores, em outras palavras, eram vistos como corpos abjetos.<sup>6</sup>

O contexto atual está permeado de práticas que buscam dar visibilidade às características culturais e linguísticas de diferentes povos, bem como há o avanço de outras práticas em silenciá-las. Neste jogo de forças somos interpelados sobre o lugar que assumimos perante um museu que escolheu homenagear a língua oficial do país ou qual lugar ele nos insere frente ao *Inventário Nacional da Diversidade*

---

<sup>6</sup> O conceito de abjeção trata das práticas de negação de direitos e legitimidade de determinado grupo social. Segundo Judith Butler (1993), o corpo abjeto é aquele que se nega a entender, ouvir e conceber existência em determinada matriz cultural.

*Linguística?* Como somos capturados a identificar-se com as influências indígenas e africanas na língua portuguesa falada no Brasil?

Neste aspecto, os discursos são formas de ler o jogo político que se materializa em espaços sociais, como os museus.

Ao aproximarmos da abordagem de Michel Foucault, a leitura de um texto é orientada em ver no que é dito às práticas sociais e históricas que lhe são inerentes. Os enunciados que compõe um discurso são ações que exercem sobre os sujeitos, seja no enquadramento a determinada lógica de pensar ou nas práticas verbais e não verbais que fomentam.

A compreensão dos discursos como luta de linguagem é tratada nas obras de Michel Foucault, por exemplo, *A verdade e as formas jurídicas*. Nela entendemos que toda produção de conhecimento são lutas e conseqüentemente violências entorno das posições que são tomadas diante do que se coloca a ser conhecido.

[...] entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas. (FOUCAULT, 2013, p.27).

Na obra *Microfísica do Poder*, compreendemos que toda produção de verdade coloca em cena determinadas lógicas de dominação, a mudança desta produção aponta para novas relações de poder, elas se fazem por meio de “[...] um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada, mascarada”. (FOUCAULT, 2015, p.73).

Os museus organizam os assuntos que são autorizados a serem mobilizados em seu espaço, desde a sua localização, arquitetura, à sua organização interna. São escolhas de como os sujeitos podem ser afetados nestes espaços. Constituem práticas de saber, espaços onde se conta, faz ouvir e ver determinadas leituras. As escolhas do que é exposto e como é exposto num museu também tratam de epistemologia.

Compreendemos como epistemologia as regras acordadas sobre as formas científicas de aquisição de conhecimento. Geralmente, por meio destas regras é possível determinar quais temas merecem atenção, quais interpretações poderão ser legitimadas, quais maneiras poderão ser usadas para produção deste

conhecimento. Define não somente como é possível produzir conhecimento visto como legítimo, mas também quem produz esse conhecimento tido como verdadeiro.<sup>7</sup>

Assim como ocorre numa pesquisa, os museus mobilizam formas de ver um assunto e são estas posições que se colocam em jogo. Entre os discursos que são assumidos, existem os que não são falados ou vistos nos espaços de legitimação de determinados saberes, por isso, o exercício de lançar-se a escuta de uma prática museológica como discurso, é identificar as narrativas que são destacadas e com elas o que está sendo silenciado, segundo seus contextos e modos de dizer.

Os discursos assumidos pelos curadores das três instalações do MLP, em estudo não resulta de uma consciência autônoma, pelo contrário, responde a lógica de determinadas práticas discursivas e não discursivas que os perpassam, por isso analisá-los é fazer visível escolhas que compõem determinado regime de saber e poder.

Por outro lado, também devemos lembrar que os museus são espaços de educação não formal e podem criar novos modos de se relacionar com um tema dentro da importância já conhecida de teatralizar certas memórias. Segundo Corrêa,

Os museus têm um papel cada vez mais importante na construção do imaginário das sociedades e na teatralização das memórias coletivas. Os novos museus se difundem por todo o mundo provocando mudanças na relação das populações com o seu passado, presente e futuro (2008, p.76).

A escolha pela língua portuguesa como tema museológico refaz necessariamente as relações entre culturas e línguas diferentes que estiveram em contato com esta língua. São muitas as raízes brancas, negras e ameríndias que se fizeram presentes e continuam em nossa forma de falar a língua portuguesa, o que permite a realização de críticas constantes aos discursos que se colocam a pensar esta trama.

O curador museal na escolha da perspectiva que deseja expor num museu, em especial, quando se trata de uma memória compartilhada com povos colonizados, pode rever posições das narrativas oficiais. Nesta ceara, o desafio para construção de um pensamento ético político, parte em assumir posições discursivas

---

<sup>7</sup> Estas são posições apresentadas por Grada Kilomba na palestra chamada *Descolonizando o conhecimento*, a qual foi transcrita pelo instituto Goethe. Disponível em: <https://narraracidade.files.wordpress.com/2018/08/kilomba-grada-descolonizar-o-conhecimento.pdf>. Acesso em 2 de jul. 2018.

que não silenciem práticas e saberes de culturas que se colocaram em contato com a língua portuguesa, esta é a condição de salvaguarda, a qual se pretende a política de patrimônio imaterial para evitar novos epistemicídios.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas e indígenas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa podem não apenas indicar um vocabulário que sofreu alterações, mas expressar as relações políticas que estas palavras colocaram às palavras portuguesas, o conflito de linguagem nem sempre contado em livros didáticos.

No dia 21 de dezembro de 2015 o curto circuito na troca de uma lâmpada da exposição “O tempo e eu e (Vc)” em homenagem ao etnólogo e historiador Câmara Cascudo no primeiro andar do MLP, provocou um incêndio que tomou os três andares do prédio da Estação da Luz. Devido à torre do relógio, as chamas do fogo não alcançaram a parte oeste do prédio, o que evitou a sua total destruição.

De acordo com informações divulgadas nos espaços de comunicação em massa, em 2019 ocorrerá a reinauguração do MLP e esperamos encontrar novos desafios em tratar a língua portuguesa como tema museológico. Ao mesmo tempo, à imaterialidade da língua que se materializa em nossos corpos, imagens, palavras e pensamentos, continuam a desenhar arranjos de sua manifestação no cotidiano de diferentes pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BARRETO, Hugo. **Projeto do Museu da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira.(Org.) **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro**: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, 1993.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Feusp, São Paulo.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó, SC: Argos, 2015.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade/Editora Unesp, 2001.

CORÁ, Maria Amélia Jundurian. **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. São Paulo: EDUC, 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos chaves em museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 2013, p.38. Disponível em: <[http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª edição, São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2013.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.



Kilomba, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Disponível em:

<<https://narraracidade.files.wordpress.com/2018/08/kilomba-grada-descolonizar-o-conhecimento.pdf>> Acesso em 2 de jul. 2018.

MAINGUENAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. A língua como leito da memória cultural e meio de diálogo entre as culturas. In: (Org.) MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

VARINE-BOHAN, Hugues. Museu e Desenvolvimento Social: balanço crítico. IN: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (Coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas**. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008. pp. 11-20.